



**PERCURSOS DA SANTIDADE CRISTÃ: reflexões sobre o “ser santo/ser santa”
no catolicismo¹**

**PATHWAYS OF CHRISTIAN HOLINESS: reflections on “being holy/being holy” in
Catholicism**

CARVALHO, Rômulo Rossy Leal²
FASSHEBER, Daniela Monteiro³

RESUMO

O trabalho depreende um breve panorama em torno das concepções de santidade cristã-católica ao longo dos períodos tardo-antigo, medieval e moderno, a somar com suas conexões com o “ser santo/a” no mundo contemporâneo. Analisamos diferentes instâncias de reconhecimento e postulados em torno de visões sobre os santos e santas, ressignificadas a partir de eventos do I século, em voga, os martírios dos primeiros cristãos no interior do Império Romano (I a IV século). Nessa perspectiva, investigamos brevemente as percepções dos autores: Thiago de Azevedo Porto (2008) e Aldilene Marinho César Almeida Diniz (2011). Nossa pesquisa permite assinalar a importância que os exemplos — santos — têm para a Igreja Católica no que concerne à afirmação e reafirmação identitária da instituição, bem como manutenção de modelos atinentes à trajetória e similitude do *Imitatio Christi* ao próprio Jesus Cristo, em três instâncias: paixão pela fé, confissão pela fé e virtude.

PALAVRAS-CHAVE: Santidade cristã. *Imitatio Christi*. Período tardo-antigo e medieval. Era Moderna.

ABSTRACT

The work provides a brief overview of the concepts of Christian-Catholic holiness throughout the late-ancient, medieval and modern periods, in addition to their connections with the “being holy” in the contemporary world. We analyze different instances of recognition and postulates around visions about the saints, resignified from events of the 1st century, in vogue, the martyrdoms of the first Christians within the Roman Empire (1st to 4th century). In this perspective, we briefly investigated the

¹ Artigo de conclusão de curso apresentado à Faculdade Integrada Instituto Souza (FaSouza) como requisito parcial para obtenção do título de especialista em Ciência da Religião. Recortes dessa produção já foram discutidos em textos anteriores produzidos pelo mesmo autor a respeito do tema, sendo, não obstante, de sua inteira responsabilidade a autoria do trabalho.

² Graduado em História pela Universidade Federal do Piauí – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: romulorossy18@hotmail.com

³ Graduada em Administração, contabilidade e fisioterapia (UNILESTE-MG). Especialista em Fisioterapia Dermato funcional (Gama Filho); Saúde Pública com Ênfase na Saúde da Família (Única); Gestão e Estratégia em EaD (SENAC-SP). Conteudista e Coordenadora pedagógica da Faculdade Souza – Ipatinga/MG. E-mail: coordenacaopedagogica@faculdadesouza.com.br.

perceptions of the authors: Thiago de Azevedo Porto (2008) and Aldilene Marinho César Almeida Diniz (2011). Our research allows us to point out the importance that the examples — saints — have for the Catholic Church regarding the affirmation and reaffirmation of the institution's identity, as well as the maintenance of models related to the trajectory and similarity of the *Imitatio Christi* to Jesus Christ himself, in three instances: passion for faith, confession by faith and virtue.

KEYWORDS: Christian holiness. Imitation Christi. Late-Ancient and medieval period. It was Modern.

1. INTRODUÇÃO

Às descrições e relatos sobre a vida de mulheres e homens que viveram maximamente a fé cristã intitulamos hagiografia⁴. Mas o que significa viver, de forma máxima, a fé cristã e, por conseguinte, “ser santo”? Neste texto, buscamos refletir sobre percursos e discussões históricas acerca do que hoje entendemos por “santidade cristã”, a saber desde a emergência das primeiras comunidades cristãs até a proliferação de discursos e movimentos de devoção católicos contemporâneos.

Ressaltamos, porém, que é um tema amplo cuja extensão extrapolaria os limites de um artigo. Desse modo, trataremos recortes dos significados que foram sendo atribuídos a determinados homens e mulheres que passaram a ser reconhecidos como santos e santas no ínterim da Igreja Católica Romana e também ortodoxa.

É importante, ainda, enfatizar, segundo Thiago de Azevedo Porto (2008), que as formas de reconhecimento da santidade variaram ao longo dos anos, isto é, alguns homens e mulheres foram aclamados pela Igreja — como instituição —, enquanto outros não. Aconteceu, pois, também o que o autor concebe como aclamação popular (*vox populi*), tendo em vista que os primeiros cristãos e cristãs mártires não passaram por um processo de canonização.⁵ Observemos o que este breve panorama

⁴ Trata-se, em descrição, como um relato total ou parcial sobre a vida de um santo(a), podendo haver trechos de seu nascimento, trajetória missionária, monástica, diocesana ou papal. Esse documento, legítimo como fonte histórica como ressalta Thiago de Azevedo Porto, apresenta subsídios de compreensão historiográfica de sujeitos que fizeram parte da história dos primeiros agrupamentos cristãos do I século e, posteriormente, foram adotados localmente (episcopado) ou universalmente (papado) em reconhecimento do que se tem reconhecido como *santidade*. Ver: PORTO (2008).

⁵ Apresentaremos, no texto, a definição histórica e eclesiológica de canonização.

tem a nos oferecer no que se refere à santidade cristã e sua recepção sociopolítica e sócio-religiosa ao longo dos períodos evocados no título deste trabalho.

2.SANTO(A) NA IGREJA CATÓLICA: um panorama histórico

O tripé essencial para o alcance da alcunha de santo(a) cristão(ã), no interior da Igreja Católica, compreende os princípios de: (a) exemplo; (b) pureza; (c) taumaturgia — capacidade de realizar milagres, ou, como concebe a instituição católica, atuar o indivíduo como um canal da ação taumatúrgica do Deus judaico-cristão.

Aldilene Marinho César Almeida Diniz (2011) argumenta que, desde a emergência do cristianismo nascente, o papel dos santos, como modelos de vida, foi crucial para o direcionamento da igreja, especialmente com a produção de imagens e hagiografias de indivíduos “marcados pelo sinal da fé” e, também, do martírio.

Entendamos, pois, que foi importante para a afirmação do cristianismo-catolicismo uma série de registros e tentativas de legitimação de seus eleitos, com vistas à concretização de um projeto de evangelização que envolvesse um ideal de vida tal como esta se prefigurava à guisa do que se passou a entender como santidade.

No que tange aos santos, percebemos que a reverência designada e a necessidade e reconhecimento do culto encontram ressonância desde os três primeiros séculos, com o martírio dos primeiros cristãos, ainda perseguidos no interior do Império Romano, antes de o cristianismo ter se tornado religião oficial de Roma, em 395 d.C, com o imperador Teodósio.

Thiago de Azevedo Porto (2008, p.48) lança luz à análise de como o martírio dos primeiros cristãos exerceu influência no que concebemos como processo de reconhecimento da santidade de muitos sujeitos vinculados com a religião cristã a partir do século I, ao afirmar que essas pessoas “sofriam e morriam testemunhando sua fé: pessoas que eram submetidas a todo tipo de perseguição e tortura, mas mantinham firme sua convicção cristã e, por isso, acabavam sendo mortas”.

O fato de testemunhar seu ardor religioso e sua disposição irreduzível de morrer pela fé servia como parâmetro para o culto popular, sendo assim, o *vox populi* responsável pelas primeiras divulgações do reconhecimento à santidade do sujeito,

expressa em seu martírio, sua entrega pela divindade, neste caso, a Jesus Cristo.⁶ Para Igor Salomão Teixeira, “o martírio é o testemunho máximo da fé” (2012, p. 215).

Os mártires, em decorrência de sua proximidade com a divindade, hajam vista a *morte pela fé*, estariam aptos a interceder por aqueles que destinavam orações e reconhecimento a paixão a qual sofreram pela divindade, o que desencadeou a fixação de cultos públicos e reconhecimento ao(à) mártir.

Solange Ramos de Andrade (2008, p. 239) também observa a relevância arrogada ao martírio nos primeiros séculos da nossa era, justapondo nossa discussão: “Dentre os modelos de santidade predominantes na história do catolicismo, o destaque é dado à primeira modalidade de santo, a do mártir, aquele que morreu defendendo a fé cristã, em meio às perseguições realizadas contra um cristianismo emergente”.

Como vimos, a adoção do culto aos mártires influenciou na divulgação de indivíduos que, posteriormente, passariam a ser reconhecidos como santos, não de forma homogênea, mas como sublinha Porto (2008) em diferentes instâncias, isto é, alguns seriam aclamados localmente (episcopado), e outros, a partir do X século, passariam, de modo mais incisivo, a ficar sob o encargo da Igreja de Roma com o papado, em um momento histórico que esta mesma busca uma reorganização interna, e passa a exercer maior controle sobre os processos de canonização⁷.

A partir do V século, percebemos mudanças quanto ao tratamento dos mártires, com uma ressignificação, isto é, com o reconhecimento local ou universal dos mesmos como santos. Deve-se ao fato de que as hagiografias, também, passam a circular com maior intensidade, difundindo, *grosso modo*, a importância do *exemplo* dos

⁶ “Os três primeiros séculos de nossa era foram o período “clássico” do martírio cristão. Nessa época, o cristianismo ainda era considerado uma *religio illicita* no Império Romano e alguns de seus seguidores eram perseguidos e mortos por ordem dos governantes. Neste contexto, os mártires se constituíram em figuras centrais da Igreja primitiva, pois contribuíam para a afirmação do cristianismo como religião de massa e para a difusão dos ensinamentos cristãos, através de seus exemplos de paixão pela fé” (PORTO, 2008, p. 48).

⁷ “É o ato solene com o qual a suprema autoridade da Igreja, feitas as investigações necessárias, declara santos (ou santas) os batizados que se distinguiram na prática da caridade e das virtudes evangélicas. Ao mesmo tempo os apresenta à imitação, à veneração e à invocação dos fiéis. (...) Não há a menor dúvida de que nas canonizações a Igreja exerce a sua autoridade suprema. Tem-se por ideologicamente certo que nelas se realiza um ato de magistério infalível e irreformável do Romano Pontífice e que, portanto, tal sentença vale para toda a Igreja e obriga em consciência”. (SEMERARO, 2003, p.91)

santos para a afirmação do cristianismo, neste caso, o niceno⁸, ante o cenário de afirmação do poder papal no controle da santidade, sobretudo com Inocêncio III e Gregório IX.

Cumprido destacar, no contexto das modificações, as motivações por meio das quais o culto aos mártires distinguiu-se do culto aos santos, entre elas, como destaca Porto (2008, p.59), a transição da *paixão pela fé* para a *confissão da fé*, o que incidia em um *martírio em vida*, representado, durante muito tempo, por bispos e ascetas, chegando, inclusive ao que perlongou predominantemente entre os séculos V e X, a presença do *milagre* como parâmetro para o reconhecimento da santidade.⁹ “O santo era venerado à medida que fazia milagres, ou seja, a dimensão de uma santidade era avaliada de acordo com a eficácia de sua intercessão” (PORTO, 2008, p. 60).

Dito isto, para entendermos as ordens sobre as quais se assentam as experiências ditas modernas em torno de santidade, se faz necessária a compreensão de como, ao longo do tempo, foram canceladas essas práticas, bem como suas emergências no que toca ao reconhecimento dos santos que, após o IX século, se alteram: agora, a *virtude* tomaria um lugar de projeção maior em detrimento da presença sobrenatural do milagre.¹⁰

Revisitando o que denominamos por “afirmação cristocêntrica”, a definição apresentada por Bruno Abreu Costa (2012, p.450) dialoga com a proposta de santidade afirmada nesse cenário tardo-antigo rumo ao medieval, sendo Jesus Cristo: “modelo de santidade; ilação retirada após uma cuidadosa análise da literatura hagiográfica dos primeiros tempos do Cristianismo, sendo os textos, claramente,

⁸ Esse credo está amparado na concepção de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo, derivam da mesma substância, constituindo, portanto, um só corpo segmentado em três. É o credo reconhecido, hoje, no âmbito da Igreja Católica Apostólica Romana e em praticamente todas as denominações evangélicas.

⁹ Para o aprofundamento desse tema, ler: PORTO (2008), quando do interesse da pesquisa a partir da qual estabelece-se um maior panorama sobre confessores da fé, ascetas, bispos, hagiografias, Actas e Passiones.

¹⁰ No sentido de investigar essas modificações, um quesito deve ser levado em consideração: a passagem do controle ao reconhecimento da santidade das iniciativas populares das primeiras comunidades cristãs para o bispado e, posteriormente, ao papado, haja vista que: “Todas estas medidas visavam, efetivamente, proporcionar um controle sobre o fenômeno da santidade e evitar que personagens não alinhados com os valores e interesses da Igreja de Roma se tornassem alvo de veneração pelos fiéis. Sendo assim, o objetivo central era atribuir ao fenômeno da santidade um caráter mais institucionalizado, identificado com as diretrizes de Roma e não necessariamente com a vontade das populações cristãs”. (PORTO, 2008, p.62). Isso, conquanto, nos ajuda a perceber santidade no período moderno, como um reconhecimento já oficializado pela Igreja de Roma.

‘cristocêntricos’, isto é, inspirados na vida de Cristo, apresentando o novo santo como uma *Imitatio Christi*”.

Dessa forma, o santo, ao ter vivenciado a paixão pela fé, passando pela execução do milagre e incursionando-se, ardorosamente, nas virtudes¹¹, estaria rumando decisoramente para a obtenção da santidade, baseada de forma incontrastável na imitação de Cristo, cuja prerrogativa constituía-se indefectível para o sucesso da sua glorificação.

A partir do IX século, a Igreja assume um maior rigor no que concerne ao processo de reconhecimento da santidade, haja vista o contexto de reorganização interna e o controle papal que se fortifica, tal como admite Porto (2008), período no qual — consenso entre os medievalistas — se marca o auge da autoridade papal.

Para tanto, algumas questões são propostas, e outras, retomadas: qual a importância dos santos para a legitimação da Igreja ante os fiéis? Como os discursos produzidos no âmbito da Igreja de Roma sedimentaram a concentração de indivíduos detentores da fé cristã?

Conduzindo-nos à análise de um tempo um pouco posterior – século XVI – passaremos a denotar outra realidade para o fenômeno da santidade. Cabe ressaltar que, no bojo das motivações e intencionalidades as quais se engendraram as perspectivas de veneração, encontram-se aspectos comuns entre os períodos que aqui assinalamos (tardo-antigo, medieval) e, agora, o moderno.

Todavia, Diniz (2011, p.20) sublinha que o fenômeno da santidade sofreu uma série de contestações durante o século XVI. Apontados como referencial humano e também elo entre os homens e o divino, estes foram um dos alvos dos conflitos que a Igreja teve que enfrentar no que se refere às críticas de teólogos protestantes — e não diretamente de Martinho Lutero, ressaltamos.

Aldilene Diniz (2011) deixa claro que o referencial de santidade e proximidade com o divino são marcas que remanescem do período medieval para o moderno, assim como também se clarifica que o contexto histórico no qual se insere a Igreja Católica nesse ínterim está permeado por outros problemas, dentre eles, como

¹¹ Referem-se à boa conduta do cristão: amor, pureza, dignidade missionária, resignação, obediência a Deus, entre outras características atinentes ao gênero.

podemos apontar: a Reforma Protestante¹², que ganha destaque com o ex-monge Martinho Lutero (1483-1546)¹³, ao afixar suas 95 teses em direto confronto com a Igreja Católica, sobretudo com o que denominava de abuso da autoridade papal e seu conflito com a venda de indulgências, para a qual, sua trigésima segunda tese, é peremptória: “Irão para o diabo, juntamente com seus mestres, aqueles que julgam obter certeza da salvação mediante breves de indulgência”, e, na sua autoria humana, “tanto assim que a graça da indulgência apenas se refere à pena satisfatória, estipulada por homens”.

Foi preciso, nesse contexto, reafirmar a autoridade da Igreja, tanto no que se refere a seus dogmas como a validade da profissão de fé daqueles e daquelas que haviam entregado a vida à Igreja, a Cristo, no martírio, na confissão, na virtude; em uma das três instâncias ou em todas.

A Reforma Protestante representou um incômodo às práticas devocionais, o que suscitou respostas da Igreja Católica no tocante ao que foi visto pelos reformadores posteriormente, a veneração aos santos como o pecado da idolatria¹⁴. Aldilene Diniz (2011, p. 25) argumenta, seguindo esse viés, que os teólogos da Reforma refutavam o que se entendia como “função mediadora dos santos”, o que foi respondido pela Igreja Católica, quando esta reafirma a mesma função pelos então protestantes contestadas.

A imagem como produto de um tempo, assim como ressalta a história sendo produto e ciência dos homens no tempo, conforme Marc Bloch (2001), também foi projetada à medida que a carência de um endosso à propagação da devoção se fez conveniente e tempestiva diante de um cenário de conflito e desestruturação do fenômeno de reconhecimento legítimo à santidade católica.

Sabemos que, ao analisar as fontes históricas, precisamos compreender o contexto em que estas são produzidas e as motivações a partir das quais se

¹² É aqui compreendida em um contexto particular: século XVI, mais especificamente entre 1517 e 1530. Para Jean Delumeau (1989) entender as causas da Reforma denominada posteriormente de Protestantismo constitui um problema complexo. Para tentar resolvê-lo, “é preciso ir direto para o essencial. O Protestantismo dá ênfase a três doutrinas principais: a justificação pela fé, o sacerdócio universal e a infalibilidade apenas da Bíblia. Esta teologia respondia certamente às necessidades religiosas do tempo, sem o que ela não teria conhecido o sucesso que foi o seu”. (DELUMEAU, 1989, p.59).

¹³Foi professor de teologia e monge agostiniano germânico, tornando-se mundialmente conhecido por ser uma das figuras centrais da Reforma Protestante. Para saber mais sobre Lutero e a Reforma Luterana, recomendamos: SKINNER (1996).

¹⁴ Aqui compreendido como o ato de idolatrar, isto é, adorar a ídolos.

constituem. Por conseguinte, o ambiente de produção em que Lutero se insere pressupõe o que os historiadores chamam de nova ética religiosa, o que marca uma tentativa de ruptura com atos cometidos por alguns membros da Igreja Católica em detrimento de sua doutrina.

Ao nos pautarmos em uma história mediada pelas mudanças e permanências que constituem a historiografia, Diniz (2011) nos apresenta outras reflexões que sintetizam nosso artigo ao destacar que as concepções de santidade no período moderno encontram ressonâncias distintas, em alguns aspectos, daqueles os quais a convencionaram nos primeiros séculos.

Todavia, seria generalizador se disséssemos que essa verificação se aplica a todo o contexto da Modernidade, sabendo, pois, estamos tratando de instâncias diferentes e que o fenômeno da santidade constitui uma esfera bem maior do que aquela que se abarca em uma problemática unívoca ou uníssona.

No que se refere ao contexto histórico quanto à canonização, a autora sobredita comenta, no indicativo de Éric Suire (1998, p.921-922) que: “o século XVI é um período muito desfavorável à eclosão da santidade. A canonização pontifical atravessa então a mais grave crise de sua história, posto que nenhum santo é elevado ao altar entre 1523 e 1588”.

As causas desse “recesso” nos processos de canonização podem, entre outros itens, estarem relacionados, à visão de Christian Renoux (1995, p.6-10), ao saque de Roma, ocorrido em 1527, a sucessão pontifical e os conflitos gerados no interior da relação da Igreja de Roma com os protestantes.

No entanto, os santos continuavam, por via de regra, cumprindo um papel de afirmação da autoridade eclesiástica, agora, também, como uma possível resposta aos ataques sofridos pela Reforma, no eixo das críticas à intercessão, sobretudo, no tocante às imagens, alvo, outrossim, de contestação, o que argumenta Diniz ao dizer que:

Durante a Era Moderna, a veneração aos santos continuou satisfazendo a demanda popular pelo maravilhoso, resistindo inclusive às críticas da Reforma Protestante, como a negação de sua capacidade intercessora. Assim sendo, considerando-se que as imagens de santos tinham como uma de suas principais funções apresentar e difundir modelos de santidade para o fiel, pretende-se discutir algumas possíveis relações entre as concepções de santidade vigentes na Época Moderna e a produção de imagens de santos no mundo católico da mesma época (DINIZ, 2011, p. 21).

O estudo empreendido pela autora sobrescrita demonstra, em síntese, que a função das imagens dos santos na Era Moderna, sobretudo no que tange à resposta aos movimentos contestatórios nos quais se engendrou a Reforma Protestante, também foi uma das proposições e mecanismos encontrados pela Igreja para, além de continuar a disseminar a relevância da devoção, responder e reagir aos ataques sofridos e agir em manutenção de sua autoridade e hegemonia eclesial.

Ao percebermos algumas das principais alterações quanto ao reconhecimento de santos da Idade Média para a Idade Moderna, Diniz (2011) dialoga com Vauchez (1987) para sublinhar que a partir do século XVI, no âmbito da Igreja, a glória de alguns doutores, sacerdotes, monges e místicos tomam, de certa forma, o lugar até então reservado em preponderância à elevação de leigos à glorificação (VAUCHEZ, 1987, p. 298).

Para ilustrarmos uma história que não está segmentada por rupturas absolutas, mas que permite notar as continuidades, as imagens dos santos no período moderno já se destacam pela centralidade do indivíduo ao que a autora — Aldilene Diniz — se refere como apoteose¹⁵, em sua recepção na glória celeste pela divindade.

Desse modo, é possível que compreendamos que há um processo de centralização do sujeito a que se convencionou como santo(a), isto é, o bojo estrutural das representações, antes consolidadas dando ênfase à instituição (a Igreja no centro da canonização), cede espaço para uma figuração cujo enfoque se volta diretamente àquele(a) que assumido(a) no plano da santidade e eleito para intercessão.

Outro elemento percebido por Diniz (2011) e que, de certa forma, contempla nossa proposta, diz respeito à experiência mística do santo em sobreposição de episódios humanos dentro dos quais ele possa ter se destacado em vida. Isso implica em uma modificação quanto às suas representações. Esse fator é atestado no

¹⁵ Em sua acepção formal as palavras canonização, glorificação, apoteose são consideradas sinônimas para referir-se à consagração de alguém à bem-aventurança ou à glória dos céus, como reconhecimento divino de sua santidade. No campo da iconografia cristã o tema da apoteose ou glorificação representa a recepção de um homem (ou mulher), consagrado santo, na esfera celeste. Durante o período medieval, a referência à promoção de uma pessoa à glória eterna era conhecida através das representações de canonizações: cenas nas quais era figurada a reunião eclesíastica em que fora decidida e proclamada a elevação de um indivíduo à santidade. Já para a Época Moderna, percebe-se que o tema da canonização praticamente desaparece, dando lugar às representações das apoteoses, mais conhecidas no Império Português como glorificações (DINIZ, 2011, p.22-23).

caso de São Francisco de Assis¹⁶. Mesmo tendo vivido no período medieval, o santo italiano já apresenta características místicas ao ser “agraciado” com as cinco chagas do Cristo. Esse aspecto, porém, a nosso ver, pode estar atrelado às duas nomenclaturas que o santo passa a ser chamado: São Francisco de Assis¹⁷ e São Francisco de Chagas¹⁸.

As fontes que se reportam ao período, sobretudo as iconografias desvelam novos papéis de configuração social-religiosa, no contexto moderno em comparação ao tardo-antigo. A história é composta de eventos e de projetos político-religiosos que, laconicamente, se fundamentam em propostas e bases em que a política e a religião quase sempre estão imbricadas, em um caminho e jogo de interesses que culminam com um objetivo particular ou geral na afirmação de sujeitos, lugares, épocas e instituições.

Nesse caso específico, a Igreja Católica utilizou-se das imagens, bem como da ingerência dos seus santos para autolegitimar-se e denotar, pela devoção dos fiéis, um posicionamento preponente e de imponência quanto às Reformas — isso, de forma mais incisiva, — durante a Era Moderna.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisamos a construção dos ideais de *martírio* e *santidade* desde a era tardo-antiga, medieval até à modernidade, com breves reflexões sobre tais impactos no mundo contemporâneo. Muitos desses reflexos remanescem hoje, no âmbito da Igreja Católica, se considerarmos, pois, as diferentes formas de reconhecimento e a veneração corrente de muitos fiéis aos santos(as), considerados(as), intercessores, exemplos, taumaturgos e imitadores de Jesus Cristo (*Imitatio Christi*).

Investigamos alguns dos principais aspectos sondados pelo historiador Thiago de Azevedo Porto, que estuda santidade no Medievo, e Aldilene Marinho César

¹⁶Para conhecer um pouco da história do santo, recomendamos a hagiografia escrita por São Boaventura. Disponível em:

http://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/12211274,_Bonaventura,_Legenda_Major_Sancti_Franci_sci,_PT.pdf Acesso em: 24/06/2017.

¹⁷ A terminologia “Assis” por ocasião da cidade em que nasceu: Assis, na Itália.

¹⁸ A terminologia “Chagas”, possivelmente, em função do suplício que, segundo a Tradição eclesial da Igreja Católica, o mesmo teria recebido, ao fim da vida terrena, as cinco chagas de Jesus Cristo.

Almeida Diniz, que investiga iconografia e concepções de santidade na Era Moderna.

Expusemos um breve resumo dos percursos da santidade, culminando em uma sondagem, a saber o martírio dos primeiros cristãos e cristãs, suas representações no período medieval, pensando, posteriormente, nas modificações ocorridas no início e meados do século XVI, com a Reforma Protestante.

Mais do que uma investigação propositiva e direta sobre santidade, é preciso refletir acerca dela levando em consideração que esta mesma parte de um lugar, e a outro, possivelmente, se direciona, de modo que produções discursivas que se referem à convenção, disseminação e afirmação institucional dessa condição — a da santidade —, são quesitos a serem perscrutados, quando postos, em máxima, à égide de uma reflexão historiográfica pertinente, que não se restrinja a convencionar o tema e seus direcionamentos apenas no âmbito religioso, mas que se torne flexível, também, à abertura de uma investigação histórica que perceba seus componentes intrínsecos.

Notar, nesse sentido, que a santidade representa, para além de um *status*, o cumprimento de um papel de sentido ao homem ou mulher que se submete a um desígnio, a uma ordem e a uma conduta de âmbito afim às prerrogativas previamente estipuladas para se alcançar o reconhecimento à sua santidade, à vista de uma sociedade ou de uma instituição eclesiástica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. *Projeto História*. São Paulo, n.37, p.237-260, 2008.

AS 95 TESES DE MARTINHO LUTERO. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/zip/95teses.pdf>> Acesso em: 24/06/2017.

BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 55.

COSTA, Bruno Abreu. Santos e Santidade: Período Medieval. *Revista de História da Sociedade e da Cultura*. Coimbra, n.12, p.445-456, 2012.

DELUMEAU, Jean. *Nascimento e afirmação da Reforma*. São Paulo: Pioneira, 1989. p.59.

DINIZ, Aldilene Marinho César Almeida. O santo em imagens: relações entre concepções de santidade e iconografia na era moderna. VII – *Encontro de História da Arte*. Unicamp, p.19-30, 2011.

LEBRUN, François. As reformas: devoções comunitárias e piedade pessoal. In: CHARTIER, Roger. (Org.). *História da Vida Privada: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia da Letras, 2009, capítulo 1, p. 16-112.

PORTO, Thiago de Azevedo. As diferentes instâncias de reconhecimento institucional da santidade na Idade Média: um estudo comparativo dos casos de Domingo de Silos e Domingo de Gusmão. Programa de Pós-Graduação em História Comparada. *Dissertação*. Rio de Janeiro, 2008. 224p.

RENOUX, Christian. *Saintetéet mystique féminines à l'âge baroque*. Naissanceetévolutiond 'um modèle en France et en Italie. Thèse de doctorat d'histoire, Univ. de Paris I, 1995.p.6-10.

SEMERARO, M. Canonização. In: PACOMIO, Luciano; MANCUSO, Vito. *LEXICON – Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003, p.91.

SUIRE, Éric. *La sainteté à l'époque moderne*. Panorama des causes françaises (XVIe-XVIIIesiècle). In: *Mélanges de l'Ecole française de Rome. Italie et Méditerranée* T. 110, Nº2. 1998. pp.921-942. p. 921-922.

TEIXEIRA, Igor Salomão. O tempo da santidade: reflexões sobre um conceito. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.32, n.63, p.207-223, 2012.

VAUCHEZ, André. "Santidade". In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1987. v. 12.p.298.